

BRINQUEDOS DA MINHA INFÂNCIA: SOCIALIZAÇÃO DE UM ACERVO

Vera Lucia Gaspar da Silva - UDESC/FAEd
vera.gaspar@floripa.com.br
Marília Gabriela Petry - UDESC/FAEd
marilia_petry@yahoo.com.br

Palavras-chave: *Cultura Material da Escola – Patrimônio Educativo – Museu da Escola Catarinense*

Brinquedos da Minha Infância é o título principal do primeiro catálogo impresso de divulgação de peças que compõem o acervo do Museu da Escola Catarinense. O processo de elaboração deste material e as dúvidas surgidas ao longo do percurso são apresentados neste artigo.

No histórico de publicações do museu consta o registro de que em 2006 Maria Teresa Santos Cunha apresentou como produto de sua pesquisa “Hóspedes do Tempo, Inquilinos da Vida: Um estudo do acervo dos livros escolares do Museu da Escola Catarinense (1800-1990)ⁱ” um catálogo digital composto, nas palavras da autora,

[...] pelo fichamento de 277 exemplares que foram classificados por décadas de edição tendo as capas fotografadas com vistas a futuros estudos sobre a história dos livros e das práticas de leitura. Outro produto desta mesma pesquisa foi a montagem de um álbum de livros que se constituiu a partir de fotografias do interior dos exemplares, as quais evidenciavam marcas de leitura (objetos relíquias, anotações pessoais/*marginálias*) que permitiram rastrear a relação do leitor com o livro [...] (Fonte: Relatório das Atividades realizadas biênio 2005 – 2006 no Museu da Escola Catarinense).

A elaboração de materiais de divulgação insere-se na já reconhecida necessidade de dar visibilidade às coleções do acervo do Museu da Escola Catarinense, trabalho necessário ao processo educativo de sensibilizar para preservar.

A versão impressa do catálogo “Brinquedos da Minha Infância” foi inicialmente concebida como proposta de registro e socialização de uma das coleções – todas as outras deverão receber o mesmo tratamento – e acabou por se revelar uma atividade fascinante, ao mesmo tempo em que complexa, exigindo a mobilização de um conjunto de procedimentos que, explícita ou implicitamente, revelam filiações teóricas e metodológicas. Deparamo-nos com um conjunto de interrogações inicialmente não imaginadas, que exigiram a interlocução de profissionais de diferentes áreasⁱⁱ: biblioteconomia, conservação, restauro e artes plásticas.

A organização de um “simples” material de divulgação revela escolhas, dúvidas, desejos de revelar ou omitir. Que ordem dar às coisas? Que destaque dar às peças? Como descrevê-las de forma sucinta, sem esterilizar a poesia da imagem? Que peça colocar na capa? Quem convidar para o diálogo? Como respeitar normas da museologia aliando-as aos interesses da História da Educação? O diálogo com essas perguntas

encontra-se neste artigo, produzido a partir de projetosⁱⁱⁱ em andamento, os quais se debruçam no mapeamento e investigação da cultura material da escola catarinense.

1. A escolha da coleção

Para compor este primeiro catálogo impresso, optou-se pela escolha da coleção de brinquedos doados pelo aluno e professor da extinta Escola Normal Catharinense, Aldo Nunes. Esta escolha foi quase “natural”. Uma naturalidade produzida, perpassada pela singularidade do acervo. Em nenhum momento houve dificuldades para definir entre o que é brinquedo e o que não é. Se, por exemplo, para definições acerca de coleções^{iv} como as de materiais pedagógicos há momentos inundados por dúvidas, para organizar a coleção de brinquedos tudo parecia mais fácil, até que as incertezas foram mansamente surgindo, num já adiantado estado dos trabalhos (tema do qual nos ocuparemos mais adiante).

Há que se confessar, também, certa contaminação do fascínio exercido pela figura de Aldo Nunes entre os “amantes” do patrimônio cultural catarinense e pessoas que com ele conviveram como colegas de aula, alunos ou docentes da Escola Normal Catharinense, transformada em Instituto de Educação^v, onde exerceu também a função de diretor.

Nascido em 1925 na capital catarinense, Aldo Nunes foi o responsável pela criação do Atelier de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis – ATECOR - do Museu de Arte de Santa Catarina (MASC)^{vi}, do qual foi diretor de março de 1969 a março de 1981. Nesta “escola”, formou sensibilidades e mãos aptas a reparar agressões do tempo e/ou dos homens, em objetos da cultura material.



Fonte: www.sol.sc.gov.br/fcc/images/artecor1.jpg

Segundo o filho Adriano Vieira Nunes, Aldo Nunes:

... viveu sua infância e juventude no centro de Florianópolis, onde imperavam as brincadeiras de rua e as crianças mesmas faziam seus brinquedos, como o boi de mamão, carrinho de quatro rodas, bola de mão, pandorga, bilboquê de lata, carrinhos de madeira e de lata e tantos outros. [...] Voltado não só às artes, mas à ludicidade das criações infantis, resgatou e construiu também muitos brinquedos “feitos a mão” que, em poucas ocasiões, apresentou ao público, travestido em negro palhaço para alegria de todos. (2008).

Se poucas foram as apresentações públicas, o mesmo não parece ter acontecido nas salas de aula ocupadas da formação de professores, nas quais ensinava desenho e matérias correlatas. Da sala que habitou no Instituto de Educação, guardou como relíquia o único exemplar fotográfico até hoje localizado, que permite reconstituí-la visualmente, relíquia que generosamente passou às mãos e guarda do acervo do Museu da Escola Catarinense. A imagem recupera um espaço ensolarado, onde a luz natural permitiria reproduzir com fidelidade formas nem sempre possíveis de se captar com uso de luz artificial. Espaço perdido no tempo pelas necessárias adaptações sofridas pelo prédio para abrigar uma clientela cada vez maior^{vii}.



Fonte: Acervo do Museu da Escola Catarinense. Sala utilizada pela Escola Normal Catharinense para aulas de desenho e música. Doação do ex-professor desta escola, Aldo Nunes.

Embora não nos tenhamos detido na investigação do docente Aldo Nunes, fomos em busca de elementos que pudessem situar sua atuação e ajudassem a compreender a inserção que fez dos brinquedos na formação de professores. Localizamos uma das pistas na reorganização^{viii} dos Institutos de Educação do Estado, levada a efeito em 1939, que estabelece entre as disciplinas da grade curricular do Curso Normal, a de Desenho Pedagógico. Para o Curso Fundamental (de preparação para o Curso Normal) estava prevista a disciplina de Desenho. Mais tarde, em sintonia com o contexto nacional, são inseridas no “Curso de regente de Ensino Primário” as disciplinas de “Desenho e Caligrafia”, “Desenho” e “Recreação e Jogos”. Já o “Curso de Formação de Professores Primários” tinha entre suas disciplinas as de “Desenho e Artes Plásticas”, além de “Educação Física, Recreação e Jogos”^{ix} (DAROS, 2005).

É provável que, ao atuar como docente destas disciplinas, entre outras, este “apresentador de bilboquês, diabolôs, piões, cinco-marias – “ou seis ou sete, tinha de vários tipos” – cavalinhos de bambus, bolas de meia, trapezistas, roda-de-aro, bolinhas de sabão, matracas, ioiôs, caleidoscópios e por aí vai [...]” (PIACENTINI, 2008), tenha encontrado o canal de comunicação entre a ludicidade e a construção da “cultura prática”^x almejada para a formação de normalistas cuidadosamente esculpidos (as) para

compor o projeto estatal de expansão da escolarização primária, projeto no qual Aldo Nunes também se engajara.

Tendo como pano de fundo este cenário, buscamos nos apropriar de significados das peças do acervo, iniciando por deter o olhar sobre os materiais que o compõem. Aqui, aproximamos a sensibilidade revelada por Aldo Nunes da reflexão deixada por Walter Benjamin:

[...] ninguém é mais casto em relação aos materiais do que crianças: um simples pedacinho de madeira, uma pinha ou uma pedrinha reúnem na solidez, no monolitismo de sua matéria, uma exuberância das mais diferentes figuras. E ao imaginar para crianças bonecas de bétula ou de palha, um berço de vidro ou navios de estanho, os adultos estão na verdade interpretando a seu modo a sensibilidade infantil. Madeira, ossos, tecidos, argila, representam nesse microcosmo os materiais mais importantes, e todos eles já eram utilizados em tempos patriarcais, quando o brinquedo era ainda a peça do processo de produção que ligava pais e filhos [...] (BENJAMIN, 2002, p.92)

Isso se revela quando nos deparamos com bolinhas de argila, caixinhas de fósforos, bonecas de pano, bolas de meia, entre outras expressões de um processo criativo que fornece indícios do envolvimento de diferentes gerações no brincar.



Fonte: Acervo do Museu da Escola Catarinense.

2. A interlocução com profissionais de diferentes áreas e os diálogos tecidos

Definida a coleção objeto do primeiro catálogo impresso, passou-se à escolha de parceiros para o diálogo na construção de um trabalho que já sabíamos não ter como realizar sozinhas. Na Biblioteconomia, buscamos a interlocução necessária à discussão da forma, aliada a um conteúdo que afinal lhe é familiar: O que é um catálogo? Que elementos devem estar presentes? O que o caracteriza e o que o diferencia de outros materiais de divulgação? O que o valoriza e o que desvaloriza? Como montar a ficha catalográfica? Que caminho percorrer para obter o hoje tão importante ISBN?

Da área de conservação e restauro precisávamos de conhecimentos específicos que ajudassem a reconhecer e descrever materiais, texturas, tinturas, formas. Que nos auxiliassem a descrever as peças adotando uma metodologia que organizasse e

estruturasse o trabalho. Este diálogo permitiu adotar como método a descrição de cada objeto da esquerda para a direita, sempre no sentido horário, partindo do elemento cuja materialidade é maior, aos pequenos detalhes, reconhecendo mecanismos de funcionamento e características que remetem a um agrupamento e não a outro. Assim, uma “simples” pombinha passa a ser descrita como “pombinha que bate asas em madeira recortada, tingida nas cores amarelo e vermelho, partes articuladas com borracha, prego e arame”. O diabolô se “transforma” em “brinquedo em madeira^{xi}, com formato de dois cones unidos, dois bastões e barbante”. A boneca de pano ganha nova roupagem, sendo descrita como “boneca de pano em tecido e retalhos, costurada a mão, olhos e boca alinhavados”. Um estilingue vira “objeto em madeira, formato de forquilha, com tiras de borracha e pedaço de pelica”. Latas vazias de leite em pó transformadas pelas mãos de Aldo Nunes viram “carrinho compressor confeccionado com três latas de leite em pó, arame e barbante”.

Os elementos até aqui reunidos precisavam de uma engenharia capaz de apresentá-los no formato impresso, de forma a seduzir olhos, aflorar sensibilidades sem contaminar demasiadamente a imagem, inserindo-as num suporte e cenário que valorizassem cada peça. Precisávamos de um artista a quem pudéssemos atribuir a tarefa de apresentar ao público a obra de outro artista. Convidou-se para esse fim o artista plástico Ivan de Sá.

Já a apresentação do trabalho ficou nas mãos de Telma Piacentini, idealizadora e, por muito tempo, coordenadora do Museu do Brinquedo da Universidade Federal de Santa Catarina. Texto muito esperado, surpreendente pela beleza dos detalhes e lembranças do criador acerca desta coleção, ao invés de apresentar metologicamente a construção do catálogo – tarefa que se cumpre aqui. Telma Piacentini ocupou-se em introduzir uma alegoria de brinquedos, convidando as pessoas a conhecê-los mais de perto. Da parceria, construída pelo produto do trabalho de cada um, nasceu um catálogo no qual desenhos^{xii} de Aldo Nunes tomam o lugar de sombra e reflexo de seus brinquedos.

3. Das dúvidas e desejos de revelar ou omitir

Como o acervo do museu ainda não está completamente inventariado, nem sempre é possível encontrar informações sobre as peças. Muitas vezes é necessário recorrer à memória de sua idealizadora^{xiii} e responsável pela reunião de grande parte do acervo. Já nos acostumamos a configurar estes como “momentos de sobressaltos”, nos quais precisamos abdicar de hipóteses ou certezas, substituindo-as por informações que muitas vezes preferiríamos omitir, como, por exemplo, a descoberta de que parte da “Coleção de Brinquedos Aldo Nunes” não foi confeccionada por seu autor, ou que muitas das peças apenas foram por ele reunidas. De qualquer forma, elas continuavam a fazer parte da coleção, já que ele a organizou. Mas o que fazer com a informação, confessada por sua autora, de que ela mesma comprou alguns brinquedos e os incorporou à coleção?

Num primeiro momento, este tipo de informação toma forma de avalanche, capaz de destruir o que até então havia sido romanticamente construído, enredado por uma teia que lhe dava organicidade e lógica. Mas, se o trabalho está a serviço da história da educação, melhor fazer dele um momento produtivo, reconhecendo a provisoriedade das certezas, assumindo nosso trabalho de investigação histórica como ofício que exige o uso de lentes. Essa imagem, como ensinam Diana Vidal e Luciano Faria Filho, “não remete aqui a idéia do historiador como detetive em busca de pistas e sinais, na acepção de Carlo Ginzburg inspirada em Sherlock Holmes; mas ao objeto, a lupa, por ele usado

na representação já tornada clássica do personagem em sua investigação” (Vidal e Faria Filho, 2005, p.03). Esta atitude nos permite decompor aquilo que considerávamos completo, para redescobrir e recompor informações.

Depois da ingênua esperança de aprisionar num impresso uma imagem definitiva de uma coleção do acervo, é “forçoso reconhecer que as decepções são comparáveis à desproporção das expectativas do ponto de partida^{xiv}” (FRANÇOIS, 1998, p. 155). Confrontadas com informações “insuspeitadas”, tivemos que redescobrir e modestamente aceitar a idéia de que as “verdades” que hoje registramos serão destituídas por novas verdades que nós mesmas (ou serão nossos pares?) descobriremos.

4. Que ordem dar às coisas? Que destaque dar às peças? Que peça colocar na capa?

Maria Cristina Menezes, seguindo reflexão de Petrucci, afirma que “os objetos escritos, dispostos fisicamente em uma determinada organização, em um lugar determinado, ali estão com base em escolhas, sejam de eleição e preservação, sejam de exclusão e de destruição física” (2007, p. 1).

A escolha feita neste catálogo foi de dispor os brinquedos de acordo com a familiaridade, aproximando os comuns. Com isso, encontram-se em suas páginas uma seqüência de bolinhas, outra de apitos e assim por diante. Não se pretendeu construir uma narrativa de exposição museológica, por exemplo, em que a disposição seqüencial de pares é hoje criticada.

Objetivou-se sobremaneira construir um material de caráter informativo, sem a pretensão de estabelecer uma narrativa ou um diálogo entre os objetos. Interessam-nos mais o diálogo que se efetivará entre os leitores, a curiosidade a ser aguçada, o desejo de conhecer o acervo materialmente, as lembranças a serem feitas e as novas memórias que se constituirão em crianças que não brincaram/brincam com brinquedos de tal natureza.



Fonte: Acervo do Museu da Escola Catarinense.

5. Como respeitar normas da museologia aliando-as aos interesses da História da Educação?

A composição deste catálogo procurou aproximar-se de um catálogo ilustrativo e informativo, diferentemente de catálogos de fontes historiográficas, que apresentam uma seqüência de leis, fontes e dados minuciosamente descritos. Este catálogo ocupa-se em apontar a existência de um acervo de brinquedos do século XX, com imensa potencialidade de pesquisa, tendo em vista a sua pouca exploração até o momento.

Constitui-se fonte de pesquisa histórica e museológica, entre outras razões, por nos remeter a reflexões sobre as brincadeiras realizadas em torno desses brinquedos, sobre como se estruturavam e a concepção de infância a que remetem.

Em sua infância escolar, Monteiro Lobato também brincou de bilboquê, bolinha, pião... assim como seus colegas de escola, fato descrito em uma das edições do jornalzinho "*O Guarani*", por eles fundado e escrito. "No pátio, leitores, andamos regularmente, e os jogos preferidos têm sido a bolinha e o bilboquê. Além desses têm andado em voga alguns outros: a malha, o pião, e o "que-pau-é-este"?" (apud BIGNOTTO, 2008, p.10).

[...] Menos europeizantes foram, entre nós [...], os brinquedos e os jogos predominantes entre os meninos: pião, papagaio, peteca, barra, manja, queda-de-braço, imitação de circos, de batalhas [...]. Isto antes de se ter verificado a invasão do Brasil civilizado, do Norte a Sul do País, pelo velocípede e pela bicicleta – brinquedos de meninos ricos; e também pelo futebol [...]. (GILBERTO FREIRE, apud BIGNOTTO, 2008, p.10).

Não poderíamos arriscar aqui a afirmação de uma brasilidade representada nestas brincadeiras e brinquedos. Por certo, são peças que resistiam à industrialização, à brincadeira massificada, à submissão da criança que teria mais dificuldades para inventar ou intervir num brinquedo construído com técnicas fabris.

Circulando nos espaços escolares, estes objetos adquirem filiação a uma cultura material da escola, expressam permanências e rupturas, revelam formas de conceber e tratar a infância, fornecem pistas de práticas difundidas nas e pelas instituições ocupadas da educação das crianças. Para Vicente Saavedra:

[...] a apropriação do património histórico-educativo por parte das novas gerações supõe um enriquecimento intelectual para as mesmas e um meio para se reencontrarem com alguns dos referentes básicos que configuram, desde a infância, a sua própria identidade. Acima de tudo, o património educativo ajuda a formar uma consciência histórica nos educandos, dimensão sem a qual se torna muito difícil desenvolver-se e situar-se perante a vida. A mudança de perspectiva que representa ver uma peça como um objecto velho e caduco para uma conceptualização que a encara como bem patrimonial representa uma mudança qualitativa de primeira ordem, que comportará consequências de notável alcance nas gerações vindouras (SAAVEDRA, 2008).

A possibilidade de que se efetue essa apropriação encontra-se justamente no acesso a tal património, ocasião que nem sempre se dará fisicamente, mas que encontra meios impressos, audiovisuais, entre outros, de se tornar presente, memorável e discutível.

Para Maria João Mogarro, os objetos materiais conferem visibilidade ao patrimônio educativo e à cultura escolar. Esta visibilidade contribui para conferir poder a acontecimentos do passado. “Com eles [objetos materiais], o cidadão comum e as populações em geral evocam as recordações da sua infância e juventude, as histórias da sua vida, as recordações, o seu passado que é trazido até ao presente” (2006, p.81).

ⁱ Projeto de Pesquisa desenvolvido entre o segundo semestre de 2003 e o primeiro semestre de 2006, que contou com a participação efetiva de duas bolsistas PIBIC/CNPq (Ana Lúcia Menna Barreto e Mônica Sol Glik) e, a partir de 2005, da prof^a dra. Gladys Mary Teive Auras. Informações fornecidas pela autora e registradas no Relatório das Atividades relativas ao biênio 2005–2006 no Museu da Escola Catarinense.

ⁱⁱ A equipe ficou composta da seguinte maneira: bibliotecária responsável, Gisela Eggert-Steindel; Consultoria, Susana Cardoso – restauradora; criação, arte e fotografia Ivan de Sá. Para compor os textos foram convidados Telma Anita Piacentini e Adriano Vieira Nunes, enquanto a revisão de texto ficou a cargo de Juarez Segalin.

ⁱⁱⁱ Trata-se do projeto de extensão “Objetos da Escola: Registro e inventário dos móveis e objetos do acervo do Museu da Escola Catarinense” e do projeto de pesquisa “Objetos da Escola: Cultura material da escola graduada (1870 – 1950)”. Este último, vinculado ao Projeto Nacional de Pesquisa “Por uma teoria e uma história da escola primária no Brasil: investigações comparadas sobre a escola graduada (1870-1950)”, coordenado por Rosa Fátima de Souza.

^{iv} A necessidade de definição das coleções surgiu no momento de inventariar o acervo, tarefa em execução e que pode ser conhecida através do artigo “A AVENTURA DE INVENTARIAR: contar, classificar, descobrir”, produzido para integrar a Mesa Coordenada “Preservação da Herança Educativa: Entre o Arquivo, a Biblioteca e o Museu” que compõem a programação do VII Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação (Porto/Portugal, junho de 2008).

^v Segundo o Decreto-Lei 713, de 5 de janeiro de 1935.

^{vi} Instituição vinculada à Fundação Catarinense de Cultura - FCC.

^{vii} A edificação que, a partir do mês de agosto de 2007, passou a abrigar o Museu da Escola Catarinense foi construída especialmente para abrigar a Escola Normal Catharinense (criada nos últimos anos do século XIX, sem sede própria) e inaugurada no início dos anos 20 do século passado, compondo o projeto urbanístico modernizador concebido pelo Estado. Em 1963, passou a abrigar a Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina, transferida para nova sede em julho de 2007, embalada pela ampliação de matrículas e serviços. A entrega simbólica das chaves do prédio foi realizada no dia 4 de julho de 2007, momento em que se realizou também a cerimônia de lançamento oficial do site do museu – “www.museudaescola.udesc.br”.

^{viii} Decreto-Lei nº 306, de 2 de março de 1939.

^{ix} Decreto-Lei Federal nº 8.530, de 02/01/1946.

^x Sobre esta questão, ver especialmente TEIVE, Gladys Mary Ghizoni (2008). Uma vez Normalista, sempre Normalista: Cultura escolar e produção de um habitus pedagógico (Escola Normal Catarinense – 1911/1935) Florianópolis/SC: Insular.

^{xi} ... ao invés de “brinquedo de madeira”.

^{xii} Estes desenhos também foram doados por seu autor ao acervo do museu. Trata-se de fotocópia de esboços em grafite; seu suporte são folhas brancas de papel A4. Os desenhos originais estão sob a guarda do filho, Adriano Vieira Nunes.

^{xiii} Trata-se da professora Maria da Graça Vandressen.

^{xiv} Nesta passagem, Étienne François se refere aos arquivos da Stasi, a polícia política da RDA, acessados após a queda do muro de Berlim e o “desmoroamento” – nas palavras do autor – da RDA. Nossa intenção é compartilhar o conceito e a reflexão reconhecendo a distância entre as problemáticas abordadas, reconhecimento necessário à não-banalização.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

BENJAMIN, Walter. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2002.

BIGNOTTO, Cilza Carla. **Monteiro Lobato e a infância na República Velha**. Disponível em: <http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/RepublicaVelha.htm>. Acesso em 24 de julho de 2008.

BOLETIM INFORMATIVO DA ANPAP/Florianópolis. Artistas Catarinenses - Aldo João Nunes: a memória como projeto. N. 12: 18 de dezembro de 2007. Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas. Disponível em: http://www.ceart.udesc.br/site-anpap/Boletim_12.html. Acesso em 09 de junho de 2008.

DAROS, Maria das Dores. A formação de professores em Santa Catarina: breves considerações sobre sua história. DAROS, Maria das Dores; DANIEL, Leziany Silveira & SILVA, Ana Cláudia da. In: **Fontes Históricas: Contribuições para o estudo da Formação de Professores Catarinenses**. Florianópolis/SC: NUP/CED/UFSC (Série Pesquisas; 4), 2005 (p.11-22).

FRANÇOIS, Étienne. Os “Tesouros” da Stati ou a Miragem dos Arquivos. In: BOUTIER, Jean & JULIA, Dominique (Orgs.). **Passados Reconstituídos: Campos e Canteiros da História**. Tradução de Marcella Mortara & Anamaria Skinner. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/Editora FGV, 1998.

GASPAR DA SILVA, Vera Lucia; PETRY, Marília Gabriela. A AVENTURA DE INVENTARIAR: contar, classificar, descobrir. Trabalho apresentado na Mesa Coordenada “Preservação da Herança Educativa: Entre o Arquivo, a Biblioteca e o Museu”. **VII Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação** (Porto/Portugal: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto), 2008.

MENEZES, Maria Cristina. Os documentos e os utensílios na reconstrução das práticas institucionais. In: **IV Congresso Brasileiro de História da Educação: A educação e seus sujeitos na história**. Goiânia/GO: UCG. v. 1. 2007 (p.1-7).

MOGARRO, Maria João. **Arquivos e Educação: a Construção da Memória Educativa**. **SÍSIFO: Revista de Ciências da Educação**. Unidade de I&D de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa. Nº 1 set/dez, 2006, (p.71-84). Disponível em <http://sisifo.fpce.ul.pt/?r=1&p=71>. Acesso em 10 de agosto de 2008.

MUSEU DA ESCOLA CATARINENSE. **Relatório das atividades realizadas no biênio 2005–2006** (Segundo orientações da Direção Geral). Responsáveis pelo preenchimento: Vera Gaspar e Gisela Eggert-Steindel, com a colaboração de Danielly Samara Besen. Universidade do Estado de Santa Catarina – Centro de Ciências da Educação – FAED. Florianópolis, dezembro de 2006 (mimeo).

NUNES, Adriano Vieira. Biografia. In: Gaspar da Silva, Vera Lucia & Petry, Marília Gabriela (Orgs.) **Brinquedos da minha infância: coleção Aldo Nunes – catálogo**. Florianópolis/SC: IOESC, 2008 (no prelo).

PIACENTINI, Telma Anita. Apresentação. In: Gaspar da Silva, Vera Lucia & Petry, Marília Gabriela (Orgs.) **Brinquedos da minha infância: coleção Aldo Nunes – catálogo**. Florianópolis/SC: IOESC, 2008 (no prelo).

SAAVEDRA, Vicente Pena. **Património histórico-educativo é um referente da nossa identidade.** Entrevista conduzida por Ricardo Jorge Costa. Disponível em: <http://www.apagina.pt/arquivo/Artigo.asp?ID=4418>. Acesso em 10 de junho de 2008.

TEIVE, Gladys Mary Ghizoni. **Uma vez Normalista, sempre Normalista: Cultura escolar e produção de um habitus pedagógico (Escola Normal Catarinense – 1911/1935)** Florianópolis/SC: Insular, 2008.